

para quem o importante não era vencer, mas lutar. Uma prova a mais de que os extremos se tocam: Beckett, como se verá adiante, foi considerado alienado por Lukács, que no entanto aceitava em certa medida outro grande alienado, Kafka, com o qual Beckett tem uma quase total identidade. Além do mais, apesar de seu pessimismo — e como ele próprio disse em relação a Godot — seu tema “é a esperança, não o desespero. Godot é a vida sem objetivo, mas sempre contendo um elemento de esperança”.

Talvez por isso, o pessimismo de Beckett, apesar de absoluto, não é mórbido. Por toda a sua prosa e drama flui um sutil veio de humor que faz com que muitos o considerem um comediógrafo. Pois essas decadências e absurdos são narrados com graça, com piadas, para tirar-lhes não só o melodramático, mas a própria insuportabilidade da visão que proporcionam. No teatro, é difícil não sorrir da pomposidade dos vaga-

bundos e marginalizados debatendo-se com suas ambições e desejos fúteis e ilusórios. Em Godot, os dois vagabundos lembram de certa forma o Gordo e o Magro, e em Mercier et Camier, um romance pouco conhecido, há inclusive toques de pastelão, quando dois desventurados irlandeses procuram debaixo de uma chuva incessante, em trens e becos escuros, as partes de uma bicicleta desmontada. Contudo, o pessimismo sempre predomina no fim. “Eu só lamento é ter nascido”, diz um personagem. “Morrer é uma coisa tão demorada e cansativa.”

Beckett, porém, não é um cínico; é um religioso, um homem atormentado por dúvidas, e que por conseguinte tem fé. Em Murphy, Neary diz ao personagem-título: “Lembre-se de que não há triângulo, por mais obtuso que seja, que não haja um círculo cuja circunferência não passe por seus malditos vértices. Lembre-se também de que um dos la-